

Angústia

Taciana de Melo Mafra

Nestes primórdios do século XXI, a Psicanálise, comprometida com a exigência de seguir ampliando os instrumentos criados por Freud e Lacan, encontra um complexo desafio. Os analistas têm buscado com muito afincado estabelecer a lógica subjetiva que sustenta o que hoje já chamamos de “uma nova economia do gozo”.

Tal como podemos acompanhar nas proposições feitas por Charles Melman para pensar o fenômeno contemporâneo, vive-se neste tempo uma radical “mutação cultural”. E, se o declínio da alteridade traz para a clínica psicanalítica novas problemáticas, como o transexualismo, a adoção de crianças por casais homossexuais, a relação erótica destituída pela ausência dos interditos, o crescente entorpecimento das dores da alma pela via das pílulas da felicidade, a toxicomania etc., alterando uma certa forma, que poderíamos talvez chamar de clássica, do semblante da demanda, é também verdade que ainda assim algo se mantém na maior parte das demandas para análise: há angústia.

Apesar de a medicina ter feito a sua parte quanto à nova economia do gozo, colocando no mercado um diagnóstico muito fácil de vender, “A síndrome do pânico” e a “Depressão”, que não passam de uma descrição fenomenológica mal formulada da angústia, da qual ela desconhece o ponto de fundação, a dor intensa da angústia se impõe. Muitas vezes, toma-se a medicação correspondente à nosografia catalogada pelo fenômeno sintomático, muito difundida pelo *marketing* dos laboratórios farmacológicos: o prozac, o lexotan, o olcadil, além dos combatentes da depressão, o que muitas vezes retarda a chegada aos nossos consultórios de uma questão sobre a angústia, na forma de desejo de saber sobre tamanha estranheza em si. Contudo, a promessa revela seu engodo, e então a exigência do simbólico monta a transferência.

Do ponto de vista do manejo da angústia na clínica, é muito comum que alguém venha à análise, trazido pela angústia, e que decida pela medicação tentando dissolver o sofrimento; isso invariavelmente produz a questão: foi obra da análise ou da medicação o alívio da angústia? Responderá por isso a transferência, pois será contando com ela que a análise poderá prosseguir, cabendo à intervenção do analista dosar essa angústia para manter o trilho da análise.

É fundamental que falemos sobre o fenômeno da angústia, para que não pareça a alguns que a Psicanálise faz elegia ao sofrimento. O que seria um contrassenso, já que fazemos uma clínica. Fazer esta clínica é algo que implica construir a direção, o que na angústia se encontra impedido. Na angústia o sujeito está estacionado em relação à direção que desloca o movimento metonímico, direção do sentido vetorial da trilha significante. A expressão do afeto sem o significante para

amarrá-lo é uma intensa dor psíquica, dilacerante. O sujeito se despedaça na angústia sem que essa operação seja evanescente. Na angústia o sujeito se despedaça num segmento de tempo materializável, contável, que antecede a sua conclusão. Refiro-me ao tempo na perspectiva apontada por Lacan, entre o instante de olhar e o momento de concluir, que, como ele nos ensina, é momento de concluir o tempo de compreender.

O tempo de compreender é uma dimensão da operação subjetiva que produz o sujeito entre dois significantes. Mas o que seria a produção de mais um significante na cadeia metaforonímica? Esta é uma operação própria à engrenagem da linguagem, na qual o desejo encontra seu advento pela via da eleição de um objeto capaz de sustentar a perenidade do desejo, fazendo do objeto real, destacado do corpo, o elemento de valor simbólico que faz pacto com o Outro.

Portanto, aquilo que se presta ao desejo é forjado pelo desejo do Outro que cobra ao sujeito sua oferenda, quando não, sacrifício como tributo à entrada no simbólico: o *objeto a*, a pulsão por excelência, ganha significância operando esta exigência de ser para o Outro.

Isso é o que Freud nos ensina e Lacan sublinha tão bem em “O homem dos lobos”, que, diante da cena primária, primeiro enrijece para suprir o falo paterno sumido no coito; depois, literalmente, defeca. Este excremento precioso, *objeto a*, notadamente é o recurso que serve de senha para o advir do sujeito. Portanto, construir um semblante para o objeto é uma operação que precisa atravessar o tempo em que o Outro se funde ao sujeito, sendo por ele completado. Na impossibilidade de haver um corte que, topologicamente, destaque interior e exterior, o sujeito e o Outro, como Lacan nos demonstrou na faixa de *Möbius*, é preciso fundar o limite que situa a posição do sujeito, referentemente ao falo, criando um lugar que estabeleça a ordem da economia gozosa, segundo uma posição masculina ou feminina.

O Outro mina o sujeito cobrando seu gozo com a imposição do objeto para seu desejo. Este tempo, até que o *objeto a* se desprenda do sujeito e ganhe significância, é efetivamente o tempo de compreender, que encontra uma saída para fazer do objeto para o outro, concomitantemente, outro objeto, o novo objeto, o objeto para o desejo do sujeito.

Mas, então, como assola a angústia?

O segmento de tempo no qual transcorre a angústia é justamente aquele no qual o sujeito é minado pelo Outro. O objeto, a princípio, é para o Outro e terá de se tornar no tempo o mais singular, o que é próprio ao sujeito na estrutura, neurótica, bem-entendido, desde que para falar de angústia na psicose e na perversão teríamos de trilhar outras veredas.

A angústia neurótica é o afeto por excelência. Toda potência contida na presença do objeto que se é para o Outro, que se busca para o Outro. Para escapar a um tal gozo, a angústia opera, fazendo da representação que se é para o outro, ou que se tem para o Outro, metáfora, constituindo

um novo significante capaz de aplacar o Outro em sua tremenda invasão. Forjar o próprio desejo, eis a construção que se faz exigência na angústia. Isso é como fazer do velho o novo, do herdado o próprio.

Esse terreno ilimitado, no qual assola a angústia, é o do encontro com o objeto, que não é outro senão o *objeto a*, o objeto do fantasma. Entre o sujeito e o objeto do fantasma compõe-se uma síncope, cuja expressão é pura dor, afeto sem nomeação. Isso é um clarão tenebroso, assombroso, onde toda a dimensão da precariedade do humano se revela numa aflição esponjosa, na qual o temor da morte, o desamparo, a insuficiência se revelam num relâmpago duradouro, num tempo materializado, durante o qual é terrível, dilacerante, a manchete do jornal, pois ela torna-se uma extensão do sujeito, tudo é absorvido, todos parecem mal, quem se sustenta com a castração? Vive Eu ou o Outro? Como ser eu sem o Outro, como vive o Outro sem mim? Isso encontra as mais dolorosas matérias plásticas naquele que fala e demanda alívio, como um personagem de Kafka. O sujeito da angústia perdura, precisa de tempo para evanescer e sossegar do embate com o Outro.

Sabemos que Lacan nos ensina que o sujeito se constitui a partir de uma resposta ao *Che vuoi?*. Mas o Outro não é o ente que responde. Ele reverbera na estrutura sem ser ontologicamente. Ele, esburacado, é o que forma o suporte do corpo para o sujeito, é o que constitui a morada do sujeito, a linguagem, e, no entanto, a expressão possível de sua presença é justamente o que podemos chamar de angústia.

Esse lugar se funda na articulação da pulsão invocante. Se for mesmo assim, o que se escuta vem do Outro, ainda que esse Outro não exista. O Outro é ninguém, mas não deixa de ser alguns outros, alíngua e a língua engrenada por alguns outros que contam com este recurso para dar conta da falta irrefutável.

O que quer dizer a invasão do Outro, a presença do objeto? Temos de recorrer à função e campo da fala e da linguagem para encontrar o sujeito que recebemos em nossa clínica.

Por que há dor, e da maior intensidade, como efeito de linguagem? Quero sublinhar que na maior parte das vezes os analisantes que têm intensas crises de angústia são muito falantes e menos catárticos, profundamente indagados pela questão da existência. Poderia parecer um paradoxo que aí haja tamanha insuficiência simbólica. No entanto a experiência clínica demonstra que parece que o que há aí é justamente uma larga exigência simbólica, uma tônica no nível significante da fala. É sabido por todos que a angústia que habita tantos filósofos, gênios que estavam à frente de seu tempo, criadores de grandes engenhos, poetas, e cabe aqui citar Freud, que constrói sua obra movido pela angústia, é própria dos que sofrem intensamente o tino da existência, que são demasiadamente suscetíveis ao Outro.

Então, o que dizer a propósito de que estruturas tão atravessadas pela articulação simbólica sejam atormentadas por uma operação que carece do simbólico?

Não é à toa que para ocupar uma função como a nossa seja preciso saber da angústia, ou seja, experimentar essa superdosagem de afeto desatado de significância. A pulsão em plena potência buscando significância. Buscando não porque exista um pensamento que delibere esse sentido. Não. O pensamento estanca no nível do encadeamento significante e é inundado por um fluxo sem escoadouro, o escoadouro do trilho significante, o esgoto, como metaforiza Lacan. Estanca o canal que leva em correnteza o dejetivo que é o *objeto a*. Penso, a partir de minha própria clínica, que vocês escutam seus analisantes com angústia falarem de como ficam referidos ao banheiro, como têm dor de barriga, vomitam, urinam excessivamente etc.

Na angústia o sujeito é sequestrado, retirado do tempo simbólico e lhe custa forjar o significante que possa pagar pelo seu resgate. Como um copo que transborda, perde o limite que comporta o segmento significante capaz de sustentar uma determinada representação como semblante do objeto negociado com o Outro. O objeto aí presentifica-se.

Toda questão é saber o que é a urdidura, do ponto de vista clínico, da escansão, que faz a construção da nova significância para barrar o excedente, como advém o arremate simbólico nessa síncope que faz a intersecção do Real com o imaginário.

Quando Lacan evoca Kierkegaard, nos demonstra muito claramente o que é o terceiro termo numa dialética temporal. Kierkegaard faz a sacada genial de que o problema da existência não é a síntese do corpo e da alma. Para ele, não existe indivíduo sem um terceiro termo, o espírito. Quando ele diz que a mola da angústia é inarticulável sem o conceito de pecado, aponta para o que testemunha a queda de Adão, a saber, que o que aí está em jogo é a questão de um ato de uma repetição, condição indispensável para que se produza o indivíduo.

Evocando São Paulo, quando diz “eu não conheci o pecado senão pela lei. Eu teria ignorado a cobiça se a lei não tivesse dito, tu não cobiçarás”. Ou seja, antes da falta, no estado de inocência, o espírito é apenas suposto. Dentre todos os objetos, trata-se de sublinhar aquele que é interditado por Deus.

Kierkegaard estabelece em três tempos a posição do sujeito, a sensualidade, a angústia e a sexualidade. Lacan aponta o gozo, a angústia e a sexualidade (desejo sexual).

Estes três tempos, que acompanham aqueles do “tempo lógico” em Lacan, transcorrem na transferência, onde o analista, sustentando o lugar do Outro, produz nas conexões entre sua presença e sua ausência, nas sessões, uma consistência simbólica para esse Outro Real que intervém como angústia.

É patente que o dispositivo da análise constitui uma verdadeira mola para o resgate do sujeito e a conseqüente recombinação significativa. O que não significa o fim da angústia. Para além do fim de análise, o inconsciente opera; logo, faz suas aparições em sintomas, inibições e angústias; no entanto, há aí um termo negociado pelo simbólico, um novo nó construído do saber do inconsciente, um saber articulado sobre o Outro que habita a estrutura do sujeito e a tomada de sentido para a dimensão do estranho de si.